

# MOSAICO

/// apoio pastoral

## ...:: NESTA EDIÇÃO ::..

### Editorial

Antonio Carlos S. dos Santos  
e Luana Martins Golin  
pág. 2

### Deixaí vir a mim os pequeninos

Danielle Lucy Bósoi Frederico  
pág. 3

### Protagonismo Infantil

Telma Cesar da Silva Martins  
pág. 5

### O Reino é dos Bobos

Antonio Carlos Soares dos Santos  
pág. 7

### Narnia e as crianças

Luana Martins Golin  
pág. 9

### Causas, sofrimento e cuidado

João Batista Ribeiro Santos  
pág. 12

### Preparando o caminho para o Natal

Lídia Maria de Lima  
pág. 15

### Liturgia de Natal

Antonio Carlos Soares dos Santos  
pág. 17



**O Reino Eterno  
das Crianças**



# Editorial

## O Reino Eterno das Crianças

Mosaico está de volta!

Após um período de “recesso”, a revista Mosaico-Apoio Pastoral retorna com fôlego renovado!

A Mosaico se caracterizou pelas matérias e artigos que muito contribuem na reflexão pastoral. Essa contribuição na área da pastoral, não impede que haja uma dimensão na pesquisa acadêmica, mas não distancia os artigos dos temas do cotidiano e da vida da igreja. Por essa razão, nesta edição de retorno, apresentamos um interessante tema sobre Perda e Sofrimento escrito pelo Prof. João Batista Ribeiro com o tema *Causas, sofrimento e cuidado no Antigo Testamento: observações*.

Não poderíamos esquecer do Natal. A Pastora e Professora Lidia Maria de Lima, nos traz uma linda reflexão nos preparando para chegada do menino na manjedoura.

Mas a temática central que esta edição escolheu é “O Reino Eterno das Crianças”. Os artigos

publicados são reflexões pastorais que abordam o universo da criança em relação à mensagem do Reino de Deus. Para tratar deste assunto nesta edição temos os textos do professor Antonio Carlos S. dos Santos e professora Danielle Lucy, ambos da Faculdade de Teologia e também de Telma Cezar da Silva Martins, redatora das revistas Bem-te-vi.

Em um artigo especial, a professora Luana Martins Golin nos apresenta a magia do Reino de Nárnia, criação de C.S. Lewis.

E assim, esperamos que gostem deste retorno e que possam ser inspirados/as pelas reflexões oferecidas nesta edição.

Boa leitura!

*Antonio Carlos S. dos Santos*

*Luana Martins Golin*  
(Editores)

### Mosaico Apoio Pastoral

Ano 24, nº 53, julho/dezembro de 2016

Faculdade de Teologia da Igreja Metodista / Universidade Metodista de São Paulo

**Reitor da Universidade Metodista de São Paulo:** Fábio Josgrilberg (interino)

**Diretor da Faculdade de Teologia:** Paulo Roberto Garcia

#### Conselho Diretor

Paulo Dias Nogueira (Presidente)  
Lia Eunice Hack da Rosa (Vice-Presidente)

Claudia Maria Silva Nascimento  
(Secretária)

Wesley Gonçalves Santos

Almir Lemos Nogueira

Paulo Tarso de Oliveira Lockmann

#### Comissão Editorial

Blanches de Paula  
Eber Borges da Costa (Coordenador da Editeo)

Helmut Renders

João Batista Ribeiro Santos

José Carlos de Souza

#### Responsável por essa edição:

##### Editores:

Antônio Carlos S. dos Santos

Luana Martins Golin

**Assistente Editorial:** Fagner Pereira dos Santos

##### Revisão:

Antônio Carlos S. dos Santos

Luana Martins Golin

**Capa:** Fagner Pereira dos Santos

**Editoração eletrônica:** Maria Zélia Firmino de Sá

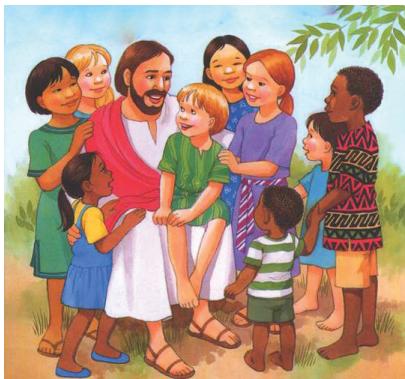
### Mosaico Apoio Pastoral EDITEO

Caixa Postal 5151, Rudge Ramos,  
São Bernardo do Campo, CEP  
09731-970

Fone: (0\_11) 4366-5958  
editeo@metodista.br

*Editorial*

# Deixai vir a mim os pequeninos



<https://www.jesusnosama.com.br/criancas/gravuras/jesus8b.jpg>

Crianças são pessoas muito especiais e singulares. Quando nos encontramos com elas, expressam de cara o que sentem por nós ou como se sentem em um dado ambiente. Quando a chamamos por algum motivo, se nos conhecem, ficam pertinho, colocam as mãozinhas em nós ou nos abraçam. Criança não fala de longe só fala de perto, pois ela é proximidade, aconchego, entrega e, como não poderia deixar de ser, de fofura! Uma fofura que nos consegue! Uma fofura que nos exorta e nos faz refletir no amor de Deus, pois Deus é proximidade, aconchego, entrega e porque não também fofura!

Quando falo de fofura falo de gentileza, delicadeza e afetuosidade. Não são essas as definições que se encontram no dicionário? E com certeza não podemos negar que tais sentimentos ou emoções são despertadas em nós quando somos abraçados ou acariciados por uma criança!

Quando penso nisso, me lembro do texto bíblico que se encontra no Evangelho de Marcos 10, 13 – 16:

*13 Então, lhe trouxeram algumas crianças para que as tocasse, mas os discípulos os repreendiam. 14 Jesus, porém, vendo isto, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porque dos tais é o reino de Deus. 15 Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele. 16 Então, tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava.*

O evangelho de Marcos é o mais antigo dos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), sendo o que provavelmente serviu de modelo para os escritores dos evangelhos de Mateus e Lucas.

É interessante observar que esse texto se encontra presente nos três evangelhos, quase da mesma forma, somente com algumas poucas diferenças. Por exemplo, em Marcos e Lucas encontramos a afirmação de que: “Quem não receber o reino de Deus

como uma criança de maneira alguma entrará nele”, o que não encontramos em Mateus. Em Marcos e em Lucas os discípulos não queriam deixar as crianças tocarem em Jesus, em Mateus a repreensão era por causa do impor as mãos! Mas uma palavra de Jesus, na verdade **uma Ordem**, está presente nos três evangelhos: **Deixai vir a mim!**

Tal fato pode nos mostrar duas coisas: que há uma ordem expressa de Jesus no texto e de que criança é pessoa importante na comunidade de fé; pois quando vemos um imperativo, isto é, uma ordem, é porque está se fazendo necessário chamar a atenção para algo que não está bom. Perceba que a ordem foi dada não para os curiosos ou mesmo para desconhecidos e sim para os maqhtai – para os discípulos, para aqueles que deveriam saber disso, mas... não o sabiam!

O texto nos ensina que nem sempre aqueles que estão perto sabem como lidar com os mais frágeis, ou com os mais espontâneos ou mesmo com os pequeninos. Acredito que os discípulos com a intenção de cuidar de Jesus não estavam deixando as crianças se achegarem até ele, afinal elas ainda não sabiam como usar as mãozinhas, não sabiam que poderiam torná-lo impuro se tivessem tocado em algo que não deveriam e ao encostar em Jesus essa impu-

*Deixai vir a mim os pequeninos*

reza o contaminaria. Como saber disso? Afinal, são crianças e elas não ficam preocupadas onde colocam as suas mãos, não é mesmo?

Os discípulos estavam zelando pela pureza de Jesus e por isso as estavam impedindo de chegar até Ele.

Mas de forma contundente, Jesus diz: "Deixar vir a mim os pequeninos"! Ele dá uma ordem a fim de que ninguém as impedisse de chegar até Ele. Jesus não se importava com a impureza pois para Ele, a pureza é que era contagiosa. A impureza discriminava e excluía, impossibilitando a proximidade, a afetuosidade, pois, a distância marcava o puro do impuro. Quando Jesus dá a ordem: "Deixais vir a mim os pequeninos", Ele abre mão de tudo isso e com a sua atitude nos ensina a sermos próximos uns dos outros, a retirar a distância que nos sepa-

ra e que nos coloca em pequenos grupos seletos.

O que me surpreende no texto do evangelho de Marcos é a forma como ele termina. Vejamos:

"Então, tomado-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava"

Quando leio esse texto, imagino as crianças correndo em direção a Jesus, mexendo nos seus cabelos e em sua barba. Fazendo carinho em sua face, roubando beijinhos e ficando bem juntinho Dele, amontados pois querem ficar bem perto como se fossem parte dele.

Por isso não me admira, que o texto nos ensine que "dos tais é o Reino de Deus" e que devemos ser como crianças para entrarmos no Reino. Essa proximidade e leveza, essa afetuosidade e carinho devem estar presentes em nós, devem estar presentes em nosso

relacionamento com Deus, com o Cristo a fim de sermos acolhidos em seus braços e como aquelas crianças do texto de Marcos, sermos abençoados, sermos purificados para que sigamos a caminhada de fé levando a pureza Dele por onde passarmos.

Que tal, sermos como crianças e também procurarmos retirar as distâncias e os pré-conceitos vividos por nós a fim de entrarmos no Reino de Deus? Que tal refletirmos sobre o nosso relacionamento com Deus ou com Jesus e percebermos se estamos próximos ou distantes?

A ordem dada pelo Cristo pode se transformar em um convite a todos e todas para o aconchego dos braços Dele! O que você acha?

Pastora Metodista e Professora de Novo Testamento na Faculdade de Teologia Metodista

*Deixai vir a mim os pequeninos*

# Igreja e o protagonismo infantil

TELMA CEZAR DA SILVA MARTINS

O sábio africano Tieno Bokar (2010)<sup>1</sup> diz: “Se queres saber quem sou, se queres que te ensine o que sei, deixa um pouco de ser o que tu és e esquece o que sabes.” Esse provérbio nos ajuda a compreender a importância de se ter disponibilidade para o aprendizado. Deixar-se conhecer e conhecer a outra pessoa é viver a comunhão é, muitas vezes, esquecer ou abandonar nossas antigas concepções e abrir espaço para o novo.

Neste sentido, fazemos uma breve reflexão sobre o protagonismo infantil nos espaços da igreja. Na prática, temos visto muitas comunidades se relacionarem com as crianças a partir das concepções elaboradas no século XIX. Sabemos que naquele tempo não havia lugar definido para as crianças na sociedade, portanto, a concepção que se tinha de criança estava vinculada a ideia de irracionalidade e incapacidade. Com o tempo esta concepção foi se aproximando da ideia de que as crianças eram “adultos em miniatura”, daí a necessidade do controle de seus corpos, evitando seus movimentos, pois tinham que se comportarem como adultos.

Ainda hoje sofremos influência do adultocentrismo como forma de educar, cuidar e estar

com as crianças, ou seja, como consequência da maneira de ver a criança e a forma como foi se estabelecendo as relações com elas, atualmente temos um conceito de criança pautado em dois extremos: numa visão romatizada ou desiludida. Romatizamos quando trazemos apenas a imagem da inocência, da alegria, da brincadeira, da diversão, da espontaneidade, da aventura, da ingenuidade etc.; e desiludida quando a definimos como: bagunceira, agitada, manhosa, chorona, egocêntrica.

É importante reconhecermos que as crianças, como todas as pessoas, apresentam esses dois

lados, o que é próprio da complexidade humana. Somos seres racionais e também iracionais, demonstramos inocência, mas também somos capazes de atos violentos. Precisamos enxergar nas crianças essa complexidade, pois só assim, conseguiremos nos relacionar com elas de forma verdadeira, ajudando-as na construção da sua identidade e autoestima.

Dentre as características que, comumente, vinculamos a condição do ser criança destacamos a ingenuidade. O termo *ingenuidade* deriva do *Latin* (*ingenuus*) que significa: *nascido livre*. Mas, é uma palavra que também carrega o sentido daquele que é sincero. Ao olharmos para as crianças podemos reconhecer nelas a necessidade humana de terem seus corpos livres e de poderem se expressar com sinceridade.

Quanto a sinceridade, resgatamos uma narrativa contada por



<http://arthuralvim.metodista.org.br/arquivo/2/criancas.jpg>

Igreja e o  
protagonismo  
infantil

<sup>1</sup> Hampâté Bâ, A. História Viva. São Paulo: Palas Athenas; Acervo África, 2010. (p.212)

antigos historiadores romanos. Conta-se que os fabricantes de vasos tinham uma prática de passar cera e lustrar algumas peças para encobrir as imperfeições. Com isso, as pessoas tinham o hábito de perguntar aos vendedores de vasos se a peça estava sem cera (do latim - *sin+cera*). A sinceridade, de fato, é uma característica da criança e com ela aprendemos a “não passar cera” e nem “encobrir as imperfeições”, assim, tornamos nossas relações mais respeitosas, dialógicas e transparentes.

Para tratarmos do tema do protagonismo infantil no espaço da igreja é importante pensarmos sobre o egocentrismo adulto, ou seja, sobre a influência do adultocentrismo fortemente presente nos diferentes espaços da igreja. Neste sentido, é importante reconhecermos as demandas e dificuldades que se apresentam na relação adulto-criança, sem perder de vista, as especificidades e subjetividades de cada um. Questionar os papéis tradicionais relativos a educação e a presença das crianças no meio adulto tem gerado a necessidade de se construir um novo referencial adulto.

Na Bíblia encontramos várias narrativas sobre o protagonismo de meninos e meninas que contribuíram de forma singular, com a comunidade em que estavam inseridos. Podemos citar no Antigo Testamento, a menina Miriã, que ajudou a cuidar de seu irmão Moisés (Êxodo 2.1-10); a menina escravizada que ajudou no processo de cura de Naamã (2 Reis 5. 1-19). No Novo testamento, temos o exemplo do menino que disponibilizou recursos materiais, participando, assim, do milagre da multiplicação (João 6. 1-15).

Mateus 18.3 e Marcos 10.14 relatam o quanto Jesus valorizou a criança. Enquanto os adultos

estavam preocupados em saber quem seria o maior no Reino de Deus, Jesus acolhe uma criança em seus braços e declara: “Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus” (Mt.18.3). A narrativa de Marcos 10.14 diz que, enquanto algumas pessoas adultas levavam as crianças até Jesus, outras tentavam impedir essa aproximação. Mais uma vez, Jesus, indignado, repreende seus discípulos, acolhe e abençoa as crianças.

Conforme Brewster (2015) em sua leitura de Mateus 19.13-15, “Jesus abençou as crianças, sem impor sobre elas nenhuma condição ou exigência”; o que nos leva a crer que ter seus corpos livres significa liberá-las do padrão de comportamento da pessoa adulta. A presença da criança nessas narrativas bíblicas vai para além do aspecto da mera presença da criança no meio adulto. A criança torna-se protagonista, pois ao ser colocada no meio da comunidade, torna-se referência para os adultos, pois é ela quem ensina o caminho para se entrar e viver no Reino de Deus.

O termo protagonista tem origem na palavra grega *protagonistés* que significava o ator principal de uma peça teatral, ou aquele que ocupava o lugar principal em um acontecimento (Ferreira, 2004). Nessa perspectiva de estar ocupando o lugar principal, como protagonista singular é que precisamos pensar sobre e nos relacionar com a criança.

Muitas vezes, os espaços co-

munitários, momentos de culto, celebrações e demais atividades da igreja são organizados para atender apenas o público adulto, o que não contribui para o protagonismo infantil. Para transformar essa concepção de criança como mera expectadora é importante repensarmos o lugar que temos reservado a elas em nossas igrejas.

Proporcionar espaços para o protagonismo infantil é, antes de tudo, ter a oportunidade de reproduzir a ação de Jesus, que acolheu e abençou as crianças. Como Igreja, somos chamados/ as a colocar a criança no meio e sinalizar que apreendemos o ensinamento de que, quem receber uma criança, tal como Ele fez, está recebendo o próprio Cristo (Mateus 18.5). O chamado de Jesus é para nos tornarmos como criança e experimentarmos uma vida pautada nos princípios do Reino de Deus.

## REFERÊNCIAS

- BREWSTER, Dan. *A criança, a Igreja e a Missão*. Viçosa/MG: Ultimato. 2015.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (3a ed.). Curitiba: Positivo. 2004.
- LAMB, Regene. *Criança é presente: hermenêutica bíblica na perspectiva das crianças*. São Leopoldo: EST/IEPG; CEBI, 2012.
- Sobre Protagonismo Infantil  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2007000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000300002)

Igreja e o  
protagonismo  
infantil

# O Reino dos Bobos (ou a inutilidade do mundo dos espertos)

ANTONIO CARLOS SOARES DOS SANTOS



<https://acolhimento.files.wordpress.com/2012/04/joc3a3o-3-31-36.jpg>

**TEXTO: MATEUS 5. 38-48**

## INTRODUÇÃO

Clarice Lispector escreveu uma crônica chamada “Das Vantagens de ser bobo”. Certa parte do texto ela diz: “O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: ‘Estou fazendo. Estou pensando.’ Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem

*originalidade, espontaneamente lhe vem a idéia...*”

Criamos a cultura da esperteza. Onde o que vale é levar vantagem em tudo e sobre todos. A esperteza é exaltada, enquanto o seu oposto é taxado com o termo “bobo”. Quem não é esperto é bobo. O Mundo é dos espertos e não dos bobos. Quando Jesus condicio-

na a entrada ao Reino de Deus a ser como uma criança, ele quebra com nossa filosofia de vida. Não... O Reino de Deus não é para os espertos, é para os bobos. Adultos são espertos demais... Criança é bobinha. A mensagem de Jesus nos faz uma proposta desafiante: Não seja o esperto do mundo, seja o bobo do Reino de Deus. Talvez fiquemos na dúvida: Mas afinal, onde na Bíblia diz que ser bobo é bom? Basta fazermos uma análise entre o que consideramos espertos e os “bobos”.

*O Reino é  
dos Bobos*

## O MUNDO É DOS ESPERTOS...:

Quem são os espertos nesse mundo que vivemos? **São aqueles que vencem todos** e tudo e não perde uma. Quem nunca é enganado... Nunca foi traído... Quem jamais se deixou levar por ninguém. Que sabe das coisas antes que elas aconteçam. Talvez você, assim como eu, já deve ter ouvido várias vezes a famigerada frase “O mundo é dos espertos”, alguns de nós teve que ouvi-la debaixo da constrangedora situação de ter sido ludibriado por um destes “espertos” donos do mundo. Diante de toda a ignorância, violência, miséria, egoísmo e materialismo que temos observado no nosso dia a dia, eu cheguei a conclusão de que a frase é verdadeira, o mundo em que nós estamos realmente é dos espertos. Os espertos são os que traem... Sim, porque quem é esperto jamais é traído! Sempre sai por cima, sempre tem uma saída. São os espertos que preferem ter o máximo que puderem acumular, mesmo que não tenham necessidade de tanto, e que isto venha a trazer a miséria do outro. São os espertos que vivem só para si, como se os que estão ao seu redor fossem um incômodo para o seu habitual conforto. Esperto, não gosta de concorrentes, ele elimina, difama, destrói... São os espertos que fazem esquema do mensalão, das ambulâncias, que ganham propinas, que enganam o povo através da fé. Mas princi-

palmente, são os espertos que não contemplam a vida, não sonham, não se apaixonam, não erram, não perdem tempo, não brincam na lama, não sobem em árvores, não dormem no chão. Porque são espertos e sempre saem por cima em tudo... Precisam ganhar tempo, porque para o esperto, tempo é dinheiro... O grande problema, é que esperto, não entra no Reino de Deus... O mundo pode ser dos espertos...

Mas o Reino de Deus é dos bobos...:

Quando Jesus diz que é necessário renunciar a certas reações para entrar no Reino de Deus, ele está falando de características que julgamos bobas neste mundo... Ora, só um bobo apanha em uma face e oferece a outra para bater... só um bobo caminha dois quilometros quando se pede para caminhar apenas um... somente um bobo se pedirem a carteira dá também o tênis, sapato ou a camisa... Somente um bobo confia que seus amigos não o abandonarão no pior momento da sua vida... O que Jesus pede aos seus discípulos é isso: Não seja esperto, seja bobo... seja ingênuo... não leve a vida na esperteza... Não faça os outros de bobos... seja você um bobo... Não acumule dinheiro no “mundo dos espertos”, acumule graça e misericórdia diante de Deus. Bobo é aquele que ainda acredita que o mal pode ser vencido com o bem. Bobo é aquele

que mantém suas convicções mesmo quando dizem: “**Deixa de ser bobo! Todo mundo faz!**”! Isso é o que mais motiva o bobo a deixar de ser bobo e passar a ser esperto, todo mundo faz, todo mundo está se dando “bem”, por que eu não posso?... Só que isso fecha as portas do Reino de Deus para ele (a). O bobo é justamente aquele que não negocia sua consciência, porque sabe que caráter, não tem preço. Bobo não é burro, nem alienado... Mas é ser o reverso desse mundo “esperto”. O que traz sofrimento ao bobo é excesso de confiança e igualmente o que lhe traz felicidade é excesso de confiança. Como um dia escreveu Caio Fernando Abreu: “dentro dela tem um coração bobo, que é sempre capaz de amar e acreditar outra vez”. Por essa razão o Reino de Deus pertence aos bobos e, talvez seja melhor continuar no fim da fila...

## ENFIM...

Ainda lembrando a Crônica de Clarice, ela ainda diz em determinado trecho: “Se Jesus fosse esperto, não teria morrido na cruz”! Mas sabe por que ela diz isso? Ela mesma explica: “É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.”

Leigo, membro da Igreja Metodista Central em São Bernardo do Campo e Professor em Novo Testamento na Faculdade Metodista de Teologia.

*O Reino é  
dos Bobos*

# As Crônicas de Nárnia: do universo bíblico ao universo infantil

LUANA MARTINS GOLIN

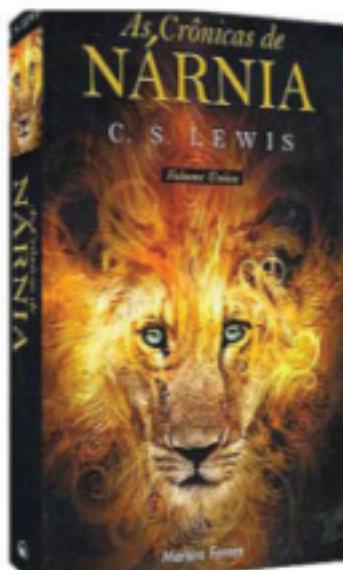
## INTRODUÇÃO

Nesta edição de retomada da revista *Mosaico: Apoio Pastoral* o tema em foco é sobre as crianças. *As Crônicas de Nárnia*, de C.S. Lewis, é um conjunto de narrativas fantásticas, que lembram os “Contos de Fadas”. Escrito para um público infanto juvenil, o texto é permeado de imagens e metáforas bíblicas. O intuito deste breve artigo é apresentar e aproximar algumas destas imagens. Diante do texto de Lewis, se desdobra um universo imaginário cheio de criatividade, como o universo de nossas crianças. A relação entre a ficção e a realidade torna-se tênue. A narrativa fantástica confunde a realidade e esta é afetada pela presença e pela possibilidade de se experimentar *Nárnia*: um outro mundo, um outro tempo e um outro espaço possível.

## 1. A COMPOSIÇÃO DAS CRÔNICAS – EDIÇÃO COMPLETA

A edição em volume único reúne as sete crônicas, a saber: 1) O Sobrinho do Mago; 2) O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa; 3) O Cavalo e seu Menino; 4) Príncipe Caspian; 5) A viagem do Peregrino

no da Alvorada; 6) A Cadeira de Prata e 7) A Última Batalha. Para esta nossa apresentação serão utilizadas as três primeiras crônicas.



## 2. A PALAVRA CANTADA: A CRIAÇÃO OU O GÊNESIS DE NÁRNIA – CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA CRÔNICA “O SOBRINHO DO MAGO”

Como na poesia de Gn 1, a Criação de Nárnia se dá por meio da Palavra (criadora e cantada!). Aslam, símbolo de Deus, é um

*As Crônicas de Nárnia:  
do universo ao universo infantil*

Ano 24, n. 53, julho-dezembro 2016

cantor Criador: “Se você tivesse visto e ouvido aquilo (...) teria tido a certeza de que eram as estrelas que estavam cantando e que fora a *Primeira Voz*, a voz profunda, que as fizera aparecer e cantar. (...) O céu do oriente passou de branco para rosa, e de rosa para dourado. A voz subiu, subiu, até que todo o ar vibrou com ela. E quando atingiu o mais potente e glorioso *som* que já havia produzido, o sol nasceu. (...) Até que se visse o próprio Cantor. Então, todo o resto seria esquecido. Era um leão. Enorme, peludo e luminoso, ele estava de frente para o sol que nascia” (p. 56-57).

“(...) Polly achava a canção cada vez mais interessante, pois começara a perceber uma ligação entre a música e as coisas que iam acontecendo. Quando uma fileira de abetos saltou a uns cem metros dali, sentiu que os mesmos estavam ligados a uma série de notas profundas e longas que o Leão cantara um segundo antes. Quando ele entoou uma sequência de notas rápidas e mais altas, não ficou nada surpresa ao ver primaveras surgindo por todos os cantos. Com um indescritível frêmito, teve quase certeza de que todas as coisas ‘saíam da cabeça do Leão’. *Ouvir a canção era ouvir as coisas que ele estava*

*criando: olhava-se em volta, e elas estavam lá”* (p. 60)

A vida vem após do sopro, tal como em Gn 2:7: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”. Em Nárnia, assim é descrito: “(...) O Leão abriu a boca, mas não produziu nenhum som: estava *soprando*, um *sopro* prolongado e cálido. (...) A voz mais profunda e selvagem que jamais haviam escutado estava dizendo: — Nárnia, Nárnia, *desperte!* Ame! Pense! Fale! Que as árvores caminhem! Que os animais falem! Que as águas sejam divinas!” (p. 64)

### **3. CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA CRÔNICA “O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA”**

#### **3. 1 À Espera de Aslam - Oráculos e Profecias Messiânicas**

Em “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”, Aslam é símbolo do Cristo, do Messias esperado. Tal como alguns oráculos messiânicos do A.T., assim lemos:

*“O mal será bem quando Aslam chegar,  
Ao seu rugido, a dor fugirá,  
Nos seus dentes, o inverno morrerá,  
Na sua juba, a flor há de voltar”* (p. 137)

*“Quando a carne de Adão,  
Quando o osso de Adão,  
Em Cair Paravel,  
No trono sentar,  
Então há de chegar  
Ao fim a aflição”* (p. 138)

Nesta Crônica, o inverno é símbolo das trevas, do gelo, da feiticeira. Já a primavera tão esperada anuncia o início da Restauração de Aslam.

#### **3.2 A Mesa de Pedra – metáfora do Calvário**

Os personagens fazem uma refeição que pode estar associada a uma Ceia, tal como na narrativa bíblica. Em seguida, Aslam se retira, profundamente triste, trazendo à memória a cena do Getsêmani. Tal como o Cordeiro de Deus, ele não oferece resistência quando é submetido à dor e ao sofrimento que virá: “Claro que, se o Leão quisesse, uma patada seria a morte para eles. Mas, ficou quieto, mesmo quando os inimigos rasgaram a sua carne de tanto esticarem as cordas. Depois, começaram a arrastá-lo para o centro da mesa. —Alto! — disse a feiticeira. —Primeiro, cortem-lhe a juba!” (p. 170). As cenas que se seguem são de vergonha e humilhação, lembrando o escárnio da cruz: “— Vejam: não passa de um gatão! — E é disso que a gente tinha medo? Rodearam Aslam, zombando dele a valer: — Miau! Miau! Coitadinho do bichano! Quantos camundongos você papou hoje? Quer um pires de leite, bichinho? (...) Rodeado como estava por aquela horda infernal, que lhe batia, dava pontapés, cuspiu-lhe em cima, insultava-o” (p. 170).

#### **3.3 Magia ainda mais profunda – Da morte à Vida**

Aslam deu a sua própria vida no lugar de um traidor, o personagem Ed[mundo]. Aqui percebe-se, claramente, a imagem redentora e sacrificial de Aslam, de alguém que morreu no lugar do outro, para resgate do mundo. A magia profunda é símbolo da morte. A magia ainda mais profunda de antes da Aurora do tempo é o símbolo da Vida.

Apenas Susana e Lúcia estiveram presentes no momento da morte/crucificação de Aslam. Elas perderam a força de tanto chorar. Porém, de madrugada, avistaram um vulto de um leão morto entre os grilhões e ouviram um grande barulho: “(...) um barulho ensurdecedor de uma coisa que estala, como se um gigante acabasse de quebrar um prato gigantesco. — Que barulho foi esse? — disse Lúcia, agarrando-se ao braço de Susana [duas mulheres testemunhas da ressurreição]. — Não sei. Estou com medo... estou com medo de olhar... (...) A Mesa de Pedra estava partida em duas por uma grande fenda, que ia de lado a lado. E de Aslam, nem sombra. — Oh! Oh! Oh! — gritaram as meninas, correndo para a mesa. — Isso é demais! Podiam ao menos ter deixado o corpo em paz. —Mas que coisa é essa? Ainda será magia? —Magia, sim! — disse uma voz forte, pertinho delas. — Ainda é magia. Olharam. Iluminado pelo sol nascente, maior do que antes, Aslam sacudia a juba (pelo visto, tinha voltado a crescer). — Aslam! Aslam! — exclamaram as meninas, espantadas, olhando

*As Crônicas de Nárnia:  
do universo ao universo infantil*

para ele, ao mesmo tempo assustadas e felizes. – Você não está morto? – Agora, não. – Mas você não é... um... um...? – Susana, trêmula, não teve a coragem de usar a palavra ‘fantasma’. (...) O calor de seu bafo era de criatura viva. (...) – Não! *Você está vivo!* Oh, Aslam! – gritou Lúcia, e as duas meninas atiraram-se sobre ele com mil beijos. (...) A feiticeira pode conhecer a Magia Profunda, mas não sabe que há outra magia ainda mais profunda. O que ela sabe não vai além da *aurora do tempo*. Mas, se tivesse sido capaz de ver um pouco mais longe, de penetrar na escuridão e no silêncio que reinam antes da aurora do tempo, teria aprendido outro sortilégio. Saberia que, se uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e a própria morte começaria a andar para trás... E agora...” (p. 174-175).

Com muita emoção, as duas foram testemunhas da ressurreição!

#### **4. A PRESENÇA E O CUIDADO – CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA CRÔNICA “O MENINO E O SEU CAVALO”**

Nesta terceira Crônica, Aslam aparece como metáfora do Espírito Santo que conduz, que guia e que se manifesta na caminhada

da vida, rumo a Nárnia. A personagem peregrina intitulada “o menino”, que também é chamado de Shasta, teve um encontro incrível com Aslam: “– Eu sou o leão. (...) A voz continuou: – Fui eu o leão que o forçou a encontrar-se com Aravis. Fui eu o gato que o consolou na casa dos mortos. Fui eu o leão que espantei os chacais para que você dormisse. Fui eu o leão que assustou os cavalos a fim de que chegassem a tempo de avisar o rei Luna. E fui eu o leão que empurrou para a praia a canoa em que você dormia, uma criança quase morta, para que um homem, acordado à meia noite, o acolhesse. – Então foi você que machucou Aravis? – Fui eu. – Mas por quê?! – Filho! Estou contando a sua história, não a dela. A cada um só conto a história que lhe pertence. – Quem é você? – Eu mesmo – respondeu a voz, com uma entonação tão profunda que a terra estremeceu. (...) Uma coisa nova aconteceu, um tremor que lhe deu certa alegria. (...) Caminhando a seu lado, maior do que o cavalo, estava um leão. (...) Era dele que vinha a luz dourada. Ninguém jamais viu algo tão belo e terrível. (...) O Grande Rei encaminhou-se para ele. A juba e um perfume estranho e solene, que nela pairava, cercaram o menino. (...) Os olhos de ambos encontraram-se. (...) a brancura da névoa misturou-se com o brilho

ardente do Leão, num redemoinho de glória, e os dois sumiram. (p. 262-263).

Aslam se transforma para cuidar dos seus. *É preciso discernimento para reconhecê-lo.* No momento oportuno, ele aparece e se revela.

#### **ENFIM... VOCÊ QUER CONHECER NÁRNIA?**

Em “*O sobrinho do Mago*” Aslam adota a imagem do Deus Criador. Em “*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*” Aslam é imagem do Cristo Redentor e Libertador. E, em “*O Cavalo e seu Menino*”: Aslam aparece sugerindo a imagem do Espírito Santo Cuidador. É claro que poderíamos continuar nesta viagem e encontrar muitas outras relações e aproximações com a literatura bíblica. Neste processo de diálogo entre os textos, ambas as literaturas são enriquecidas e novos sentidos são gerados.

Nárnia é presença, é epifania: “Na verdade, vocês nem devem fazer coisa alguma para voltar a Nárnia. Nárnia acontece. Quando menos esperarem, pode acontecer” (p. 186).

A autora é teóloga, mestra e doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, onde atua como professora na Faculdade de Teologia, na modalidade EAD. E-mail para contato: [luanamgolin@gmail.com.br](mailto:luanamgolin@gmail.com.br).

*As Crônicas de  
Nárnia:  
do universo ao  
universo infantil*

# Causas, sofrimento e cuidado no Antigo Testamento: observações

JOÃO BATISTA RIBEIRO SANTOS



<https://pebesen.files.wordpress.com/2010/04/jo.jpg>

Muitas vezes a perda de objetos tem levado ao sofrimento como se houvesse ocorrido perda de vidas, suscitado reações de luto de morte. É que, dependendo da sociedade em que se vive a perda de determinado objeto ou propriedade significa perigo de vida. Na Bíblia, por vezes o Anti-

go Testamento acentua a garantia de propriedade e a indenização de eventuais prejuízos (Êxodo

21.2–22.16). Nesse sentido, o objeto imprescindível ao bem-estar equivaleria à honra. Há objetos que garantem a vida, a posição social, a identidade cultural e assegura a fidelidade permanente de Javé.

A perda desnuda o ser humano. A questão é que nem sempre

*Causas, sofrimento  
e cuidado no Antigo  
Testamento:  
observações*

a subtração de um bem requer alheamento ou desapego para uma relação com a virtude pessoal ou com a fidelidade a Javé. Quanto a isso, o sofrimento deve ser abordado considerando o sistema social e as particularidades apresentadas por cada pessoa ou família.

Quando às próprias custas, a perda não causava sofrimento em quem o cometida, o mesmo podia estar dispondo de bem material (objeto) ou humano ou mesmo exercendo a sua autoridade. Há atestação quanto a chefe de família que abre mão de um poço, por exemplo, açoita um/a escravo/a até à morte ou quando faz opção de dispor de mulher e filhos (Êxodo 21.7; Juízes 11.39; 19.25; 1Samuel 14.44; Provérbios 19.18; Deuteronômio 21.18-21).

No Antigo Testamento as expressões de sofrimento são apresentadas em manifestações de dor, compaixão e luto, sempre segundo o rito e a tradição locais; apenas por vezes expressam-se o sofrimento através do sentimento, posto que as sociedades antigas caracterizam-se muito mais pela prática e menos pela contemplação, teorização ou abstração.

Com relação à fé na divindade e considerando Javé como criador e doador de tudo o que causa bem-estar, as perdas que causam sofrimento são a ele relacionadas. Nesse caso, a dúvida consistia quanto à presença abençoadora de Deus, levando o sofrimento a torna-se um problema de fé.

Quando as bases para a vida postas por Deus se desintegram, a conclusão iminente da vítima dessa desintegração é considerar a ausência divina. Como testemunho em contrário, as narrações acerca do sofrimento no Antigo

Testamento causam maior impacto no/a leitor/a quando estão no âmbito do culto, através dos lamentos e cânticos fúnebres e também das queixas sociais. Aliás, no antigo Israel realizava-se cultos de oração em favor de enfermos (1Reis 8.37-40; Isaías 38; Jó 33.19-30; Salmos 6; 38; 41; 102), para evitar as consequências tanto do sofrimento pessoal do sofredor quanto do sofrimento comunitário pela perda do ente (parente, amigo etc.).

“Sob o aspecto do sofrimento e sua superação, a perda desses semelhantes [pai, mãe, amigos, vizinhos, professores etc.] é em tudo equiparável à perda da propriedade (cf. Gn 50.1-14; 35.14; 1Sm 25.1; 31.4-5; 2Sm 13.19; Rt 1.6-21)” como cita o autor Gertenberger, que pesquisa a temática do sofrimento. Talvez a possibilidade de reposição de uma determinada propriedade e sua equiparação à perda de algum ente tenha levado a uma nova conceituação acerca da morte. Se em suas origens o israelita entendia que no reino dos mortos não se podia louvar a Javé (Isaías 14.4-21; Salmos 88.11-13), posteriormente Javé se tornou senhor também dos mortos (Jó 26.6; Salmos 139.8).

Há relato bíblico veterotestamentário que considera o sofrimento físico como o maior dos sofrimentos, extrapolando inclusive a perda de familiares (Jó 2.4-5); antes que expressão egoísta, isso

se dava possivelmente por causar a exclusão social (Levítico 13.45-46) e prenunciar no sofredor a sua própria morte.

Naturalmente, tanto a vida quanto a morte ou perdas, tanto o sofrimento quanto a alegria são portadores de sentido. Poderemos estar diante de um fato histórico único representado por ou através de uma pessoa ou diante de um acontecimento que diz respeito ao ser humano.

Com efeito, o israelita entende que a vida é um dom de Deus, o que motiva as lutas de sobrevivência em todos os âmbitos para desfrutar dos recursos criados. A vida não é simplesmente a existência, mas também o ser em oposição à extinção; a ausência de futuro equivale à sua negação. A enfermidade (2Reis 8.8,10 e 14.20), a fadiga (Gênesis 25.30,32) e o sono (Isaías 5.27) são debilidades, uma espécie de vida incompleta enquanto privada de todas as suas possibilidades. Por isso mesmo o despertar, o sarar e o ressuscitar significam recuperar todas as faculdades, dispor novamente de todo o poder implícito na vida oferecida por Deus. Com respeito a isso, morrer prematuramente antes de esgotados todos os recursos da vida é uma grande desgraça (Gênesis 47.9; Isaías 38.10; Jeremias 17.11; Salmos 102.24).

Raramente lê-se no Antigo Testamento um chamado à morte. Mesmo as imprecações de Jó contra a vida (3.3-26) e as maldições de Jeremias são exceções à regra de luta pela vida e demonstram em que nível de desespero eles se encontravam. “Por essa razão, a vida pressupõe o êxito, a segurança e manifesta-se na alegria,

*Causas, sofrimento  
e cuidados no Antigo  
Testamento:  
observações*

na luz" afirma Martin-Achard, pesquisador do Antigo Testamento. Assim, o salmista se expressa: "Pois a fonte da vida está em ti, e com tua luz nós vemos a luz" (Salmos 36.10). Resulta, nesse caso, que a vida não depende de ritos mágicos, mas sim de Javé, que vive e confere vida.

Tendo presente memórias de experiências de fé, o sofredor torna-se orante. Espera o apoio dos seus parentes e amigos, mas insiste com Deus. Descreve sua situação trágica, apela para o que é e foi Javé, para outros e para ele. Muitas vezes a súplica parece provir de uma série de súplicas precedentes não escutadas, o que explica a intensidade nas expressões, não raro dirigindo-se a Deus em termos pessoais e sem admitir o abandono de Deus (cf. Salmos 22).

Ora, sob o agravamento da sua condição, aquele/a que sofre levanta uma implicação (Salmos 88.11-13) nos termos, "que Deus, para revelar suas qualidades, necessita de alguém que as perceba e reconheça. Revelar é sempre revelar a alguém. Pois bem, os mortos não são alguém. Portanto, com a morte do homem ou da mulher Deus sai perdendo: 'O que ganhas com minha morte, com o fato de eu descer à cova?'

(Sl 30.10)" exemplifica Luís Alonso Schökel e Cecilia Carniti. A lealdade de Deus atua na esfera da vida, e apenas a vida consciente pode reconhecê-la.

Caso tomemos o sofrimento como manifestação não circunstancial, mas parte da própria existência humana, a sua compreensão possível só poderá ser processada na História. O ser humano seja ou não de fé não é ahistórico (fora da história), pois as estruturas de poder estão entre as maiores causadoras de sofrimento, apenas para ficarmos nos diagnósticos sociossomáticos.

Daí que o sofrimento individual ou comunitário é sempre levado a público, ao invés de privatizá-lo. Mesmo quando o responsável jurídico deve obedecer a tal normatização de isolar o sofredor, enfermo etc., isso nunca é o primeiro ato: o primeiro ato é a tentativa de reabilitá-lo inclusive ritualisticamente. Esse conhecimento da causa das coisas é que torna possível a "responsabilidade" pelo cuidado em ambiente e situações impossíveis, como ocorreu à garota (*nā'ārāh*) israelita escravizada como despojo de guerra por um oficial aramita (2Reis 5.1-19): ao saber que o "senhor de escravo" estava com lepra (morte social), a garota

indica-lhe a possibilidade de cura em Israel. Uma consciência de vida alarmante!

De acordo com esse quadro, um/a israelita nem detém o direito de agir arbitrariamente nem o seu destino lhe pertence exclusivamente. Todo/a israelita pertence a um povo cujo destino compartilha. O Antigo Testamento preservou pelo menos três documentos humanitários, o *Código da Aliança* (Êxodo 20.22-23.19), o *Código Deuteronomista* (Deuteronômio 12-26) e o *Decálogo ético* (Êx 20.2-17 = Dt 5.6-21), visando à perpetuidade do cuidado mútuo vinculado à vida com Deus.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecilia. *Salmos II* (73-150). São Paulo: Paulus, 1998.
- GERSTENBERGER, Erhard. *Por que sofrer?: o sofrimento na perspectiva bíblica*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- MARTIN-ACHARD, Robert. *Da morte à ressurreição segundo o Antigo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2005.

Pastor Metodista e Professor de Antigo Testamento na Faculdade Metodista de Teologia

*Causas, sofrimento  
e cuidado no Antigo  
Testamento:  
observações*

# Preparando o caminho para o Natal

REVDA LÍDIA MARIA DE LIMA



[http://www.missaofoiporvoce.com.br/home/wp-content/uploads/2012/02/2695209479\\_76e3e2ccb0.jpg](http://www.missaofoiporvoce.com.br/home/wp-content/uploads/2012/02/2695209479_76e3e2ccb0.jpg)

## LEIA: LUCAS 1,67-79

Gosto muito deste tempo de Natal. Gosto de preparar a árvore, pensar nos cânticos que cantaremos nos cultos e também nas canções que já cantei em outros anos, em apresentações de coral ou de teatros natalinos. Gosto de me preparar para viver este tempo e trazer a memória o que vivi nos anos anteriores. Se não tenho este tempo de preparação, fico com a sensação de que o Natal passou e eu não o vivi.

A leitura do evangelho, também fala sobre preparação, fala sobre a chegada de João Batista, aquele que viria para preparar o caminho para a chegada do "sol que nasce do alto e que viria para iluminar os que viviam nas trevas e guiar o seus passos no caminho da paz!"

*Preparando  
o caminho para  
o Natal*

João tem um papel muito importante na missão de Deus: ele é o último profeta antes da chegada do Messias. Ele nasce de um casal estéril e já com a idade bem avançada. De certo que estes já não contavam mais com o nascimento de um filho, algo tão importante para as famílias neste período. E eis que um anjo, um mensageiro de Deus, aparece para Zacarias e anuncia que o Senhor acolheu suas orações e lhe enviará um filho que será líder, que conduzirá o povo por caminhos de liberta-

ção, e contribuirá na conversão de corações à sabedoria dos justos (1.17).

No momento em que soube destas coisas, Zacarias questionou, pois olhando para suas condições biológicas, de fato, ele e sua esposa não poderiam mesmo engravidar, mas o anjo o emudece para que, o mesmo aguardasse em silêncio o dia em que a profecia se cumpriria.

A passagem que lemos confirma o que fora descrito, João Batista nasce, Zacarias recupera a fala e escolhe o nome da criança: João, que significa *Deus tem piedade*. E para demonstrar a sua gratidão, Zacarias põe-se a cantar. Aqui, tal como em Maria, a gratidão ganha melodia e, é olhando para esta canção, que encontramos dicas para organizar a nossa caminhada de advento e nos prepararmos para a chegada do *Sol da justiça, o menino Jesus*:

**- Olhe para o futuro com esperança e gratidão, como se o mesmo já se fizesse presente:**

Zacarias fala sobre o futuro como se o mesmo já estivesse presente. Ele Bendiz o Senhor, Deus de Israel, porque ele visitou e remiu o seu povo. Há uma expressão de muita gratidão pelo que virá, sabe que Deus visitará o seu povo. Ele sabe que pode contar com o cumprimento desta promessa, e, portanto, não há o que temer. Ele Bendiz e agradece porque sabe que viverá tempos de paz.

É como se Zacarias pudesse perceber ou visualizar o futuro tocando o presente e trazendo salvação e renovo para toda a humanidade: Deus cumpre a sua promessa e envia libertação, justi-

ça e paz para toda gente. Enquanto canta, ele ensina que o futuro já se faz presente, se você consegue viver com gratidão e com fé.

E na sequência, o sacerdote...

**- Resgata o passado, para não se esquecer de que: Deus sempre cumpre o que diz...**

Zacarias rememora a aliança de Deus com os seus antepassados, do juramento feito por Ele a Abrão e da liberdade que o povo pode experimentar, por causa da fidelidade de Deus, e porque buscaram viver em santidade. Ele rememora as palavras dos profetas e se apegue a estas lembranças para Bendizer a Deus e esperar tempos de paz, num futuro muito breve. Ele faz uso da memória; da história. *"como ele falou pela boca dos seus santos profetas desde a antiguidade, / (para) nos libertar dos nossos inimigos e da mão de todos que nos odeiam, / (para) usar de misericórdia com os nossos pais e lembrar-se da sua santa aliança"* (v.70 – 72).

Sim! Evocar a lembrança é um exercício indispensável para enfrentar a vida e enfrentar os nossos medos, repensando práticas e posturas. Zacarias rememorou a ação dos inimigos que os aprisionou, e que também havia pessoas que os odiavam, mas que Deus cumpriria a sua promessa com a chegada do Messias. Tal como ele disse aos seus, no passado, ele cumpre no presente, bem

como no futuro, por intermédio da chegada do Messias.

E por falar em lembrança, lembro-me de que na década de 90, assisti um desenho norte-americano, uma produção para adolescentes e adultos, em que Jesus é um personagem americano, vivendo as *loucuras* de uma metrópole, às vésperas do Natal e é tanta correria, tanto consumismo e afins, que o desenho acaba com Jesus sozinho, sentado em frente a um bolo e uma vela, cantando, sozinho, parabéns pra você. Todos estavam ocupados demais para lembrar-se dele. Na atualidade, nós também preocupamo-nos tanto com as compras, com a troca de presentes e com as roupas novas que iremos usar, que a festa acaba perdendo o sentido. Por isso, é bom ouvir novamente a canção de Zacarias, é bom olhar para o passado, é bom visitar os presépios, para que a gente nunca se esqueça o que celebramos com a chegada do Natal.

**CONCLUINDO**

O cântico de Zacarias termina as indicações de que João Batista, veio para abrir o caminho e anunciar a necessidade do perdão e da remissão dos pecados. Portanto: o natal também deve nos inspirar e direcionar para as práticas do perdão e da reconciliação.

Que possamos viver plenamente o advento, contando com a chegada daquele que é o princípio da paz; aquele que veio para nos tirar das trevas e os indicar caminhos de luz.

Que Deus nos abençoe.

*Preparando  
o caminho para  
o Natal*

# Liturgia de Natal

ANTONIO CARLOS SOARES DOS SANTOS



<https://maribelad87.files.wordpress.com/2013/12/nacimiento-y-adoracion3b3n.jpg>

## JESUS: A PALAVRA REVELADORA

### Preludio

#### Acolhimento:

Dirigente: A Palavra é a Sabedoria de Deus manifestada nas maravilhas do mundo e no decorrer da história, dessa forma, em todos os tempos, a humanidade sempre teve e têm a noção de sua revelação. Jesus, Palavra de Deus, é a luz que clareia a consciência de todo ser humano.

#### Adoração:

Cântico Comunitário - HE 10 (Cântico de Natal) – Durante o cântico, acende-se as velas do Advento e Natal.

Dirigente: *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.*

*Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.* (João 1.1-4)

*Oração de Adoração* – Senhor, Tu manifestaste em carne, em criança, em fragilidade. Nesta noite encontramos em Ti o abrigo de nossas almas e o refúgio em

um mundo de conflitos. A paz que buscamos sentimos passear por esta noite de nascimento, de encarnação, de amor. Adoramos a Jesus menino, menino salvador, salvador criança que na beleza de uma poesia fez o verbo ser carne e a carne ser amor. Fica conosco, viva conosco e em nós. Em nome do Verbo Jesus. Amém.

Cântico Comunitário – HE 12 (Jesus Nasceu)

#### Confissão:

Dirigente: E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam. (João 1.5)

Oração Comunitária: Antífona 22 - Cristo, a Luz (I João 1.1-9)

*Liturgia  
de  
Natal*

**DIRIGENTE:** O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida.

**CONGREGAÇÃO:** (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vós-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada),

**DIRIGENTE:** O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhamis comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.

**CONGREGAÇÃO:** Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa.

**DIRIGENTE:** Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma.

**CONGREGAÇÃO:** Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade.

**DIRIGENTE:** Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz,

mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.

**CONGREGAÇÃO:** Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós.

**TODOS:** Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.

Palavra de Esperança: *Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome; Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.* (João 1.12-13)

#### Louvor:

Comunidade: E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. (João 1.14)

Cântico: HE 20 (Nasce Jesus)

Dirigente: Desejamos nós Senhor, neste Natal agradecer-te por tantas bênçãos, em especial, aquelas que vieram e que não percebemos, mas sabemos que tem edificado em nossas

vidas o amparo seguro de onde nasce a Fé.

Cântico: HE 08 (Adoremos ao Senhor)

#### Edificação:

Dirigente: E a Palavra se fez vida e a vida se fez eterna. Nesta noite, Deus se torna Palavra que transforma, edifica e consola.

Prédica

#### Dedicação:

Dirigente: Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou. (João 1.18)

Cântico: HE 07 (Noite de Paz)

Bênção Natalina: Que a paz desta noite se repita todos os dias em suas vidas. Que a luz das estrelas que brilham iluminando as trevas ilumine seus caminhos. Que a Palavra, o Amor e o Consolo estejam contigo e com seus. Amém

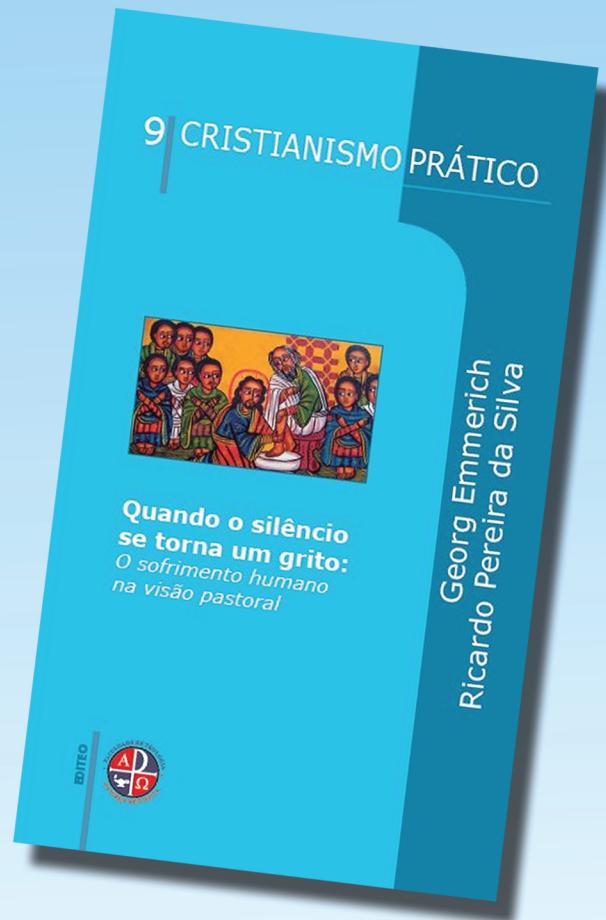
Posludio

Liturgia elabora por Antonio Carlos Soares dos Santos, leigo e Professor na Faculdade de Teologia Metodista

Liturgia  
de  
Natal

# Lançamentos Editeo

## 2º Semestre 2016



### Um Cristianismo de Futuro

Este livro quer abrir portas, picadas no caminho. O que apresentamos são apenas proposições. Nossa convicção é que um Cristianismo terá futuro, se de fato se preocupa com seu futuro. Se de fato está atento ao que o Espírito lhe diz, de variadas formas. Se realmente quer dar forma nova para sua mensagem, de valor permanente.

### Série Cristianismo Prático

Ao publicar esta série, a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista busca contribuir com a Igreja no oferecimento de subsídios para que, à luz da tradição wesleyana, a experiência cristã de seus membros amadureça e corresponda a algo que vai além de sentimentos e palavras, e se configure numa prática de amor e serviço.

### Informações e Vendas - Livraria Editeo:

Tel (11) 4366-5787 - Fax (11) 4366-5988  
E-mail: [livrariaediteo@hotmail.com](mailto:livrariaediteo@hotmail.com)  
Rua do Sacramento, 230 - Rudge Ramos  
CEP: 09640-000 - São Bernardo do Campo - SP